

Faculdade Canção Nova

Marciel Souza Santos

A informação e o sagrado:

A mídia religiosa católica no contexto brasileiro do Século XXI

**Cachoeira Paulista – São Paulo
2023**

Faculdade Canção Nova

Marciel Souza Santos

A informação e o sagrado:

A mídia religiosa católica no contexto brasileiro do Século XXI

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado como exigência parcial
para obtenção do grau de bacharel
Jornalismo na Faculdade Canção
Nova, sob a orientação do Prof. Me.
Luiz Gustavo.

**Cachoeira Paulista – São Paulo
2023**

MARCIEL SOUZA SANTOS

A informação e o sagrado:

A mídia religiosa católica no contexto brasileiro do Século XXI

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como exigência final para obtenção do grau de bacharel Jornalismo na Faculdade Canção Nova, sob a orientação do Prof. Me. Luiz Gustavo.

_____ em: ____ de dezembro de 2023

Grau: _____

Banca Examinadora:

Prof. Me. Luiz Gustavo
Orientador

Prof. Me. Luiz Fernando Vargas

Prof.^a Me. Rafael Beck Ferreira

**Cachoeira Paulista – São Paulo
2023**

Ofereço este trabalho a todos os Jornalistas Religiosos, que com amor e zelo levam a boa nova, por meio de sua comunicação eficaz.

AGRADECIMENTOS

Gratidão é que se resume a este processo vivido nestes quatro anos dentro da Faculdade Canção Nova, e pelas oportunidades que quando disse bem o Dunga na sua palestra na aula inaugural “agarre as oportunidades.”

Em especial gratidão desde a primeira vez quando fui fazer o vestibular, ocasião em que o Prof. Rodolfo usado por Deus me encorajou: como marca as palavras e atitudes, um simples vai dar certo e confie.

Não deixaria de esquecer das assistentes sociais da comunidade canção nova, que quando pensava em desanimar elas me encorajavam mais e mais.

Gratidão é claro a antiga coordenadora do curso de Jornalismo Vaniele e ao atual Rafael, ambos sempre me encorajando e dizendo vai dar certo, conte comigo.

Gratidão sim por min, pela minha ousadia em quebrar barreiras e tabus, e por não ter dado voz, quando me disseram em sala de aula: você não tem perfil a ser Jornalista.

Como eu aprendi e sempre deixarei isso ecoar, que Jornalismo não é perfil e sim zelo e amor pelos fatos narrados.

Gratidão pela minha família, parentes por mesmo na pobreza, ter em mente que sem a educação não somos nada.

Gratidão pela Fé passadas pelos meus antepassados, um grande legado de amor.

Gratidão por esse projeto, e pela orientação do Pe. Luiz, que na verdade se tornou um grande amigo e irmão, e como ele mesmo diz um parceiro na Fé.

Gratidão pelos professores todos, todos sem exceção, eles são aqueles que colocam o ensino a disposição.

Gratidão por todos os médicos, psicólogos, padres, pastores, irmãos e consagrados, todos aqueles que fizeram e deram o seu pitaco de contribuição para meu crescimento.

Gratidão pelos meus colegas e amigos que fiz durante o curso e fora deles, que marcaram a trajetória e foram também um trampolim de ânimos.

Gratidão ao Monsenhor Jonas Abib nosso fundador, por ter formado a comunidade Canção Nova, e ter essa expiração de formar homens novas, para

um mundo novo. Sairei sim, não sendo um mesmo homem, mais um novo homem para um mundo novo que já começa em min.

Gratidão Deus por tudo, pelas horas que estive só e você me colocou em pé em prontidão ao teu chamado.

Gratidão Pai por ter dado a vida do teu filho Jesus por meu favor.

Gratidão Espírito Santo por ter me dado os dons, que com eles posso ir muito além do que sou.

Com esse meu projeto de finalização quero transmitir que o Jornalismo Religioso é muito de toda comunicação e de formas de tradições, ele pode ultrapassa as barreiras e deseja transmitir o encontro do conhecimento do outro.

Sobre o Jornalismo todos deveriam ter essa oportunidade em realizar essa formação, nossos olhos e ouvidos ficam aguçados, e como precisamos nestes tempos, sermos forjados para um mundo melhor.

“Uma sociedade sem religião é como um navio sem bússola.”

Napoleão Bonaparte

RESUMO

O presente estudo aborda o complexo processo de desenvolvimento do Jornalismo Religioso Católico no Brasil, destacando suas definições, desafios e papel significativo na sociedade, reflexo da diversidade religiosa no país. Nesse sentido, busca-se investigar os desafios e características singulares enfrentados pelo Jornalismo Religioso Católico no Brasil, com ênfase na manutenção da imparcialidade e objetividade diante da polarização religiosa e política, além de analisar o papel crucial da ética na cobertura de assuntos sagrados e espirituais. A pesquisa baseou-se em revisão bibliográfica, análise de conteúdo de veículos de mídia religiosa católica e entrevistas com profissionais do setor. A abordagem metodológica permitiu uma compreensão aprofundada do cenário atual e das transformações ocorridas no século XXI. No contexto atual, observa-se um notável desenvolvimento do Jornalismo Religioso Católico no século XXI, abrangendo uma diversidade de meios de comunicação. Este fenômeno exerce uma influência significativa na sociedade brasileira, moldando o pensamento, a moral e as práticas religiosas de diversos indivíduos. Os profissionais enfrentam desafios específicos relacionados à polarização religiosa e política, exigindo sensibilidade e ética para manter a imparcialidade na cobertura de questões religiosas. Conclui-se que o Jornalismo Religioso Católico no Brasil desempenha um papel vital na construção do panorama midiático, refletindo a riqueza da diversidade religiosa nacional. A ética se mostra fundamental para garantir uma cobertura respeitosa, evitando sensacionalismo e preconceito. O século XXI marca um período de expansão e influência crescente da mídia religiosa católica, reforçando sua relevância na formação de opiniões e práticas religiosas na sociedade brasileira.

Palavras-chave: Católica. Catolicismo. Jornalismo. Religião.

SUMÁRIO

1 Introdução	10
CAPÍTULO I	16
1. O processo de desenvolvimento do jornalismo religioso	16
1.1 Definições que envolvem o Jornalismo Religioso	19
1.2 O papel do Jornalismo Religioso na sociedade contemporânea brasileira	23
1.3 O Jornalismo Religioso e seus aspectos incomuns ao sagrado	25
CAPÍTULO II	27
2. Desafios do Jornalismo Religioso no Brasil	27
2.1. O desafio da imparcialidade e da objetividade na mídia brasileira	31
2.2 Ética e sensibilidade na cobertura de assuntos religiosos	32
2.3 Pluralismo religioso nas mídias	33
2.4 A interseção de religiões e o sincretismo religioso	36
CAPÍTULO III:	39
3. Desenvolvimento e desafios do Jornalismo Religioso católico no Brasil	39
3.1 A mídia religiosa católica no contexto brasileiro do século XXI	40
3.2 A diversidade de mídias religiosas católicas no Brasil	43
3.3 Influência das mídias religiosas católicas na sociedade brasileira	45
3.4 Reflexões sobre a imprensa católica no Brasil	46
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	49
REFERÊNCIAS.....	53

1 Introdução

O Jornalismo Religioso Católico desempenha um papel significativo na divulgação, análise e compreensão das questões pertinentes à fé, doutrina e práticas dentro da Igreja Católica. Com uma história rica e intrínseca à própria instituição, esse campo jornalístico se destaca por sua abordagem ética, busca pela verdade e seu compromisso em relatar não apenas os eventos, mas também os significados subjacentes às práticas religiosas. Nesse ínterim, esse tipo de jornalismo não se limita a simplesmente relatar os ritos, cerimônias ou eventos eclesiais. Ele vai além, explorando o impacto da fé na vida das pessoas, as políticas da Igreja, as mudanças sociais e culturais, bem como as tensões e desafios enfrentados pela comunidade católica em diferentes partes do mundo (SILVA, 2020). Isso envolve não apenas a cobertura de assuntos do Vaticano, mas também das comunidades locais e das experiências individuais dos fiéis.

É fundamental compreender que o Jornalismo Religioso Católico busca não apenas informar, mas também educar, promover o diálogo inter-religioso e oferecer uma perspectiva crítica e reflexiva sobre as questões que permeiam a fé católica. A cobertura jornalística nesse contexto requer sensibilidade cultural, conhecimento teológico e uma abordagem imparcial para transmitir com precisão e respeito as diversas nuances de experiência católica. Além disso, esse campo jornalístico enfrenta desafios próprios, como a necessidade de manter a objetividade diante de crenças profundamente arraigadas, lidar com interpretações diversas dentro da própria comunidade católica e equilibrar a divulgação de notícias com a preservação do sagrado e do respeito às tradições.

No âmbito global, o Jornalismo Religioso Católico desempenha um papel crucial na compreensão das dinâmicas sociais, políticas e culturais que influenciam e são influenciadas pela fé. Ele não apenas informa os fiéis, mas também serve como ponte entre a instituição religiosa e o mundo secular, promovendo um diálogo construtivo e enriquecedor para ambas as esferas (PIRES, 2017).

Portanto, o Jornalismo Religioso Católico não apenas relata eventos e acontecimentos dentro da Igreja Católica, mas também oferece uma janela para

compreendermos a interseção entre a fé, a sociedade e os valores que moldam nosso mundo contemporâneo. É uma área complexa e multifacetada que desempenha um papel vital na narrativa e compreensão da religião católica na contemporaneidade.

Mediante esta breve reflexão, o principal objetivo deste material foi voltado ao intuito de analisar os elementos que formam o Jornalismo Religioso Católico e sua relação com a sociedade brasileira. Para tal desenvolvimento, buscou-se discorrer criticamente sobre os motivos que apontam a razão de ser de um Jornalismo Religioso nos dias de hoje; levantar informações sobre como se dá a mídia eclesial no Brasil e relacionar os pontos de concordância e discrepância que formam o desafio de se fazer jornalismo religioso em um mundo secular.

O presente trabalho se dedicou a responder às seguintes perguntas-problema: Como trabalhar uma mídia que tenha interesses informativos, que se sintonizem com as aspirações da comunidade cristã brasileira? Em que medida esse Jornalismo Religioso se relaciona com o público de outras religiões ou de religião alguma?

Compreende-se que sobre essas questões, faz-se necessária uma análise aprofundada acerca de como o Jornalismo Religioso teve sua trajetória até o presente momento, e como a sociedade atual lida com essa dicotomia, a fim de construir um Jornalismo Religioso atual, verdadeiramente informativo, abrangente e relevante.

O presente trabalho de pesquisa buscou não cair em visões limitadas sobre o tema. Para tal, tentou-se percorrer um caminho que leva a uma análise crítica da própria natureza do jornalismo, e como sua relação com a comunicação religiosa se dá, no contexto da mídia brasileira, partindo da problemática fundamental de porque se deve ter um jornalismo religioso dentro desse contexto histórico e social.

O trabalho se dedica a analisar o jornalismo religioso dentro do panorama histórico e social atual, sobretudo no Brasil, onde a mídia tradicional se mostra uma fundamental ferramenta na propagação de informação segura e mesmo na garantia da cidadania, em sua luta contra apropriações da verdade e *fake news*, a exemplo do que se viu quando da fase mais aguda da pandemia da COVID-19.

A condução da presente pesquisa sobre o desenvolvimento do Jornalismo Religioso Católico no Brasil baseou-se em uma metodologia abrangente, centrada na revisão bibliográfica, análise de conteúdo de veículos de mídia religiosa católica. A aplicação desse método permitiu uma abordagem multifacetada para compreender as nuances desse campo específico, explorando tanto sua evolução histórica quanto os desafios contemporâneos. A revisão bibliográfica desempenhou um papel fundamental na construção do alicerce teórico desta pesquisa. A busca sistemática por fontes acadêmicas e literatura especializada proporcionou uma compreensão profunda das definições, desafios e relevância do Jornalismo Religioso Católico.

A análise crítica da literatura existente serviu como ponto de partida para a identificação de lacunas no conhecimento, orientando as questões centrais da pesquisa. A análise de conteúdo foi realizada em veículos de mídia religiosa católica, incluindo jornais, revistas, sites e programas de televisão. A abordagem foi direcionada para identificar padrões, tendências e mudanças na cobertura jornalística ao longo do tempo. A categorização e interpretação cuidadosa do conteúdo permitiram extrair noções relevantes sobre o papel da mídia religiosa católica na sociedade brasileira e os desafios enfrentados por seus profissionais.

Há jornais que dedicam espaços específicos a tratar de assuntos religiosos, e ainda diversas comunidades e seguimentos religiosos que fazem seus próprios jornais (FRANCO, 2018). Por várias vezes utilizando-se de um propósito evangelístico em concatenação com o apanhado informativo, fazendo com que esse tipo de mídia seja já conhecido.

Entretanto, em um país com ramificações religiosas tão diversas, e mesmo em coexistência harmoniosa na imensa maioria dos casos, é natural que a mídia nacional, em especial paga, encontre entraves e delicados problemas na cobertura (ou não) de assuntos de cunho religioso (CUNHA, 2016). Se de um lado a comunidade religiosa não se vê representada e atendida pela mídia tradicional, precisando recorrer a outros veículos mais próprios ao seu nicho informativo para tomar conhecimento de alguma informação específica, pessoas de outras religiões podem não se interessar, ou parar de consumir determinada mídia se esse conteúdo tende a direções que ela acredita não lhe dizer respeito, causando aqui um problema de mercado.

O estudo sobre o desenvolvimento do Jornalismo Religioso Católico no Brasil apresenta-se como uma pesquisa relevante e justificável diante do contexto sociocultural contemporâneo. A crescente influência da mídia religiosa católica na sociedade brasileira e os desafios éticos enfrentados pelos profissionais desse campo tornam imperativo um exame aprofundado dessas dinâmicas. A justificativa para esta pesquisa repousa na necessidade de compreender os mecanismos que regem a cobertura jornalística de temas sagrados e espirituais, considerando a polarização religiosa e política, além de promover uma reflexão crítica sobre a ética envolvida nesse processo.

Na esfera social, a pesquisa é relevante por oferecer uma compreensão mais profunda do papel da mídia religiosa católica na formação de opinião, moral e práticas religiosas na sociedade brasileira. Ao destacar os desafios éticos e a necessidade de imparcialidade na cobertura jornalística de temas sagrados, o estudo busca promover uma mídia mais responsável e sensível às diversidades religiosas presentes no país. Dessa forma, a pesquisa visa contribuir para o fortalecimento do debate público e para a promoção do respeito à diversidade religiosa na sociedade.

No ambiente acadêmico, esta pesquisa contribui para o enriquecimento do conhecimento sobre a interseção entre jornalismo, religião e ética no contexto brasileiro. Ao abordar o Jornalismo Religioso Católico, a pesquisa oferece subsídios para a compreensão das peculiaridades dessa área, estimulando debates e análises críticas. Além disso, a abordagem metodológica adotada e a escolha criteriosa dos descritores podem servir como referência para pesquisadores interessados em investigar outros contextos religiosos na mídia.

Este é um estudo do tipo documental e ocorrido por meio de revisão bibliográfica, utilizando-se de materiais disponíveis de maneira física e na *internet*, de acesso livre, por ser compreendido que as ferramentas digitais atualmente podem ser percebidas como instrumentos eficazes dentro da produção de conhecimento.

Para embasar a pesquisa sobre o desenvolvimento do Jornalismo Religioso Católico no Brasil, foram utilizadas diversas bases de dados, incluindo periódicos acadêmicos, bibliotecas digitais e repositórios especializados em comunicação e religião, a saber: Biblioteca Digital Brasileira de Teses e Dissertações (BDTD) e a Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO). A

seleção criteriosa dessas fontes proporcionou uma abordagem abrangente e fundamentada, permitindo uma análise aprofundada do tema em questão.

Os critérios de inclusão visaram garantir a relevância e a confiabilidade dos dados obtidos. Foram considerados artigos acadêmicos, dissertações e teses que abordassem diretamente o Jornalismo Religioso Católico no Brasil, privilegiando trabalhos recentes para refletir as transformações ocorridas no século XXI. Além disso, foram incluídas fontes que contemplassem aspectos éticos, desafios profissionais e o impacto da polarização religiosa e política na cobertura jornalística de temas sagrados e espirituais. Para direcionar a busca de forma específica, foram selecionados descritores principais, como “Jornalismo Religioso”, “Mídia Católica no Brasil” e “Cobertura Religiosa”. Esses termos serviram como alicerce para a identificação de estudos e análises diretamente relacionados ao âmbito jornalístico religioso católico, restringindo a pesquisa ao contexto brasileiro.

Para garantir a qualidade e a consistência dos dados, foram estabelecidos critérios de exclusão claros. Excluíram-se trabalhos que não se relacionavam diretamente com o Jornalismo Religioso Católico no contexto brasileiro, bem como aqueles que não apresentavam abordagem ética, sensibilidade cultural ou não contemplavam os desafios específicos enfrentados pelos profissionais do setor. Trabalhos desatualizados ou que não contribuíam significativamente para a compreensão do desenvolvimento contemporâneo foram igualmente excluídos.

A seguir se faz possível ter acesso ao primeiro capítulo, onde busca-se discutir sobre o desenvolvimento do Jornalismo Religioso enquanto um todo, perpassando por definições que envolvem esse formato jornalístico, o papel que o jornalista assumiu mediante a sociedade brasileira contemporânea e os aspectos incomuns existentes entre o Jornalismo Religioso e os aspectos referentes àquilo cultuado enquanto sagrado.

O segundo capítulo se deteve a buscar e discutir pelos possíveis desafios que são enfrentados pelo Jornalismo Religioso no Brasil, apresentando questões voltadas à imparcialidade e objetividade que é necessária na mídia, além de abordar aspectos éticos que devem ser respeitados e a imparcialidade que se faz necessária em qualquer viés do Jornalismo profissional, incluindo aqueles que se voltam à religiosidade.

Por fim, no terceiro capítulo buscou-se pelo desenvolvimento do Jornalismo Religioso Católico no Brasil, além de apresentar os possíveis desafios apresentados nesse contexto. Para tal, apresentaram-se contextualizações específicas do Brasil, as possibilidades de diversidade que podem ser encontradas nesse mesmo contexto e discussões sobre as influências que as mídias religiosas católicas podem ter sobre a sociedade brasileira.

CAPÍTULO I

1. O processo de desenvolvimento do jornalismo religioso

O Jornalismo Religioso não é um fenômeno recente (ABREU, 2018), no entanto, ainda necessita de análise no que se refere a sua relação com a sociedade secular, sobretudo no contexto brasileiro, de tão vasto território de tantas variadas crenças, interesses e vieses políticos e ideológicos.

Tratar de Jornalismo Religioso é lidar com um tema que nasce imbuído de preconceitos, seja por parte de uma grande massa que ainda não compreende a razão de ser de um veículo de informação religioso para assegurar o próprio debate democrático, seja da dificuldade que muitos dos próprios membros de diversas comunidades religiosas possuem ao lidar com notícias de forma a compreender os diversos públicos aos quais o trabalho jornalístico deve servir.

A sociedade atual está contextualizada pela era da informação. Tal nomenclatura, associada ao fazer tecnológico e às próprias relações entre pessoas, formam uma simbiose que define bem o século em que vivemos, pautado no valor da informação precisa e na velocidade com a qual atinge os lugares mais distantes do mundo. Se outrora era comum saber de fatos acontecidos apenas no dia seguinte, mediante consulta a mídia impressa, hoje smartphones presentes nas mãos de cada cidadão conectam toda a sociedade numa imensa rede comunicativa em tempo real (ABREU, 2018).

O Jornalismo se transfigurou e se adaptou ao longo das décadas, mas sua relevância nunca esteve tão atual, assim como sua essência, a notícia, que possui particularidades próprias na sua forma de comunicar. Segundo Lage (1987) a notícia não trata necessariamente de narrar fatos, mas de expô-los. O Jornalismo moderno, na visão do autor, tem a notícia como “o relato de uma série de fatos, a partir do fato mais importante ou interessante; e, de cada fato, a partir do aspecto mais importante ou interessante.” (LAGE, 1987, p. 16).

Entretanto, Traquina (2005, p. 19), por outro lado, define notícias como “tudo aquilo que é importante e/ou interessante”. O Jornalismo, desse modo, ainda que de perspectivas diversas, tem sempre em sua essência uma relação direta com o público e com o que interessa a esse público saber. À tônica da audiência que o consome é parte importante do trabalho de qualquer mecanismo

mediático com intuito de prender a atenção e manter o público interessado em continuar acompanhando determinado veículo além de apenas uma manchete.

O Jornalismo Religioso, entretanto, embora agregue valor notícia tal qual grandes e conceituados veículos tradicionais de comunicação e cobertura jornalística, vai por vezes em sentido contrário ao apelo de atração popular ao público apontado por estes especialistas.

Se notícias que enfoquem a morte, na proximidade do fato e numa desenfreada corrida por uma informação inédita e exclusiva, são comuns em mídias que pautam na audiência e no prender do espectador/leitor/ouvinte, o Jornalismo Religioso carrega valores mais humanistas na transmissão de informação. Esse aspecto de responsabilidade especial em relação ao ouvinte, no caso do Jornalismo Religioso, apenas ressalta como se fundamenta em valores diferentes atendendo uma demanda diferente.

A Igreja sempre teve um papel de intermediação de informação e na disseminação do saber na sociedade e não apenas no que se refere ao saber teológico, sempre tomando a comunicação como algo sério, que quando mal utilizado pode ser nociva e perigosa (MELO, 2005).

Em uma relação milenar, que passou por várias etapas de maior ou menor aceitação, a imprensa sempre esteve sob o domínio do apostolado, que também se manteve atento quando do surgimento de meios de comunicação como o cinema e o rádio. Com os meios de comunicação inseridos e assimilados no seio da sociedade ocidental, a Igreja vê neste panorama um incentivo para se ajustar a tais ferramentas, compreendendo nessas ferramentas meios para realizar a evangelização.

Pesquisadores como Ferreira (2004), há décadas, apontam como a comunicação é algo imprescindível e amplamente aceito por inúmeras empresas. O autor compara, em seu livro *Comunicação para a Qualidade*, a falta de comunicação em organizações com a história bíblica da Torre de Babel, cuja construção não chega ao fim por falta de entendimento entre aqueles que nela se empenharam, tornando a comunicação impossível.

O sucesso de programas de qualidade em uma empresa, conforme Ferreira (2004, p. 45), é “diretamente proporcional à qualidade das decisões que forem tomadas na área de comunicação”. Com o meio eclesiástico, em suas necessidades de alcance, difusão de informação e atenção devida aos assuntos

que dizem respeito a determinados segmentos religiosos, não haveria de ser diferente.

O Padre João Firmino, da Arquidiocese de Brasília, em entrevista concedida a Silva (2017), destaca que a comunicação arquidiocesana se diferencia da mídia secular, não buscando nela pauta, embora atenda às necessidades desta mídia quando solicitada. A mídia secular, em sua natureza comercial, segundo o Padre, toma suas escolhas de pauta sobretudo em torno de sensacionalismo, o que acaba por ser nocivo, buscando-se: “a informação que vai dar uma grande repercussão, seja ela boa ou não. Não se tem essa preocupação com o que está sendo informado, mas sim como que vai acontecer a partir da informação” (SILVA, 2017, p. 10). Deste modo, a Igreja acaba sendo afetada, dado que o que a igreja faz, seu trabalho corriqueiro, em concordância com sua natureza, não produz qualquer viés sensacionalista, ao passo em que tratar do que a Igreja deixa de fazer, ou tratar seu ofício de forma equivocada o faz, e com êxito.

O sensacionalismo, cabe dizer, tratado como tônica de redação jornalística em vias de difusão de informação, não afeta apenas a Igreja, mas tantas outras instituições, organizações e segmentos, fomentando inclusive segregação social (MARTINS et al., 2020).

Em movimento inverso ao sensacionalista, é perante a necessidade de que o meio eclesial se torne presente a diversas classes que as instituições religiosas precisam de ferramentas que ampliem suas vozes dentro da sociedade, o que se verifica de modo emblemático no Brasil, em se tratando de um país de dimensões continentais, seja geograficamente ou culturalmente falando (SILVA, 2017).

Em vista dessa necessidade, e considerando o Jornalismo Religioso de nível profissional e de qualidade mais urgente na atualidade que em qualquer outra época, diversas organizações religiosas formaram uma iniciativa de alcance global para esta modalidade, incluindo, em suas ações, criar uma rede global de Jornalismo voltado para a religião, visando cobrir de forma equilibrada as principais religiões ao redor do mundo, dando ênfase à explicação de práticas religiosas e seus princípios, em concomitância com os acontecimentos do mundo atual (ABREU, 2018).

Se o próprio ofício de jornalista passa por transformações ao longo dos anos, de modo a se tornar obsoleto caso estagne, como uma máxima empresarial pautada na simples oferta e demanda, o compromisso com a qualidade da informação precisa permanecer como valor em qualquer veículo de comunicação responsável, o que é um forte agravante para a necessidade de um Jornalismo Religioso, que, sem negligenciar seu caráter profissional e empresarial, clama por uma constante sintonia com sua época no que se refere a tornar sua comunicação eficiente tenha acima de tudo a preocupação com a qualidade dessa informação tão relevante ao meio religioso com o qual se comunica (MARTINS et al., 2020).

1.1 Definições que envolvem o Jornalismo Religioso

O Jornalismo Religioso é uma vertente do Jornalismo que se concentra na cobertura de temas religiosos e espirituais, desempenhando um papel significativo na sociedade, uma vez que as crenças religiosas e espirituais têm um impacto profundo na vida das pessoas em todo o mundo (NOGUEIRA, 2015). A cobertura de questões religiosas desempenha um papel importante em sociedades onde a religião desempenha um papel significativo na vida das pessoas, influenciando a cultura, a política e comportamento.

As definições e os aspectos que envolvem o Jornalismo Religioso incluem a cobertura de questões religiosas, a pluralidade religiosa, a ética e a sensibilidade, a análise e a contextualização, o jornalismo investigativo religioso, a interseção com a política e a sociedade, o diálogo inter-religioso, a cobertura global e a diversidade de fontes (FERREIRA, 2004).

A principal função do Jornalismo Religioso é informar o público sobre questões relacionadas à religião. Uma das características mais importantes da cobertura religiosa é reconhecer a diversidade de crenças religiosas em uma determinada região ou sociedade, isso envolve a compreensão das principais religiões e suas denominações, bem como das práticas e crenças específicas de cada grupo (DIAS; LACERDA; GOMES, 2019).

O Jornalismo Religioso deve ser imparcial e equilibrado, os jornalistas devem buscar múltiplas perspectivas e opiniões, representando todas as partes envolvidas em uma história religiosa. Isso é fundamental para evitar preconceitos

e preconceções (CUNHA, 2020). Os jornalistas religiosos devem respeitar as crenças religiosas e evitar sensacionalismo ou reportagens que possam ser ofensivas, e importante entender a sensibilidade das questões religiosas para evitar conflitos e mal-entendidos.

A cobertura religiosa muitas vezes exige um entendimento profundo do contexto histórico e cultural em que uma religião se desenvolveu. Isso ajuda a explicar as origens de certas crenças e práticas (CUNHA, 2020). A cobertura de eventos religiosos inclui a reportagem de eventos como festivais, peregrinações, cerimônias e outras atividades religiosas. Os jornalistas devem fornecer informações detalhadas sobre esses eventos e seu significado para a comunidade religiosas e a sociedade em geral (DIAS; LACERDA; GOMES, 2019).

Os jornalistas religiosos muitas vezes analisam tendências dentro das religiões, como mudanças nas crenças, práticas religiosas, demografia religiosa e sua influência na política e na cultura. A cobertura de questões religiosas no Jornalismo é uma área complexa que exige conhecimento cultural, sensibilidade e ética (DIAS; LACERDA; GOMES, 2019). A cobertura desempenha um papel fundamental na promoção de compreensão e no fornecimento de informações sobre questões religiosas que afetam a sociedade como um todo.

A pluralidade é um tema importante e desafiador no Jornalismo Religioso. Refere-se à diversidade de crenças e práticas religiosas que existem em determinada sociedade ou região e como essa diversidade é abordada pela mídia. Em muitos lugares do mundo as pessoas praticam uma ampla variedade de religiões e crenças espirituais. Isso inclui cristianismo, islamismo, hinduísmo, budismo, judaísmo, religiões indígenas, religiões tradicionais africanas e muitas outras religiões. (NOGUEIRA, 2015). O Jornalismo Religioso deve reconhecer essa diversidade e garantir que todas as religiões sejam tratadas com respeito e imparcialidade.

Para cobrir eficazmente a pluralidade religiosa, os jornalistas religiosos devem ter uma compreensão sólida de crenças, práticas e contextos culturais de diferentes religiões. Isso ajuda a evitar mal-entendidos e estereótipos. A religião muitas vezes se entrelaça com questões de raça, gênero, orientação sexual e classe social (CUNHA, 2020). Essa questão chegou a ser interpretada por Cunha (2018) desde momentos anteriores, quando ele afirma que:

As abordagens das ciências humanas e sociais sobre o declínio das religiões por conta dos processos de secularização e modernização, introduzidos a partir do século XVIII, passaram, então, a demandar revisões. As religiões, que na modernidade iluminista e humanista deixavam de ser reguladoras da vida coletiva, sendo relegadas ao domínio do privado, do indivíduo, da subjetividade, se mostram na contemporaneidade desprivatizadas (CUNHA, 2018, p. 3).

O jornalista religioso deve reconhecer essas interseções e considerar como diferentes identidades podem influenciar a experiência religiosa e a cobertura jornalística. Em muitas partes do mundo, conflitos religiosos são uma realidade. O Jornalismo Religioso desempenha um papel importante ao relatar esses conflitos de maneira imparcial e responsável, evitando a promoção de ódio religioso (CUNHA, 2020). O Jornalismo Religioso também deve abordar questões de liberdade religiosa e direitos humanos, denunciando violações desses direitos quando necessário.

A ascensão das mídias sociais e da tecnologia tem um impacto significativo na forma como as notícias religiosas são disseminadas e consumidas (DIAS; LACERDA; GOMES, 2019). O Jornalismo Religioso deve considerar como essas novas plataformas afetam a narrativa religiosa e como podem ser usadas para promover a compreensão religiosa ou a intolerância. É importante que os jornalistas religiosos recebam formação adequada sobre religião e ética jornalística para garantir uma cobertura responsável e informada (NOGUEIRA, 2015). Isso é essencial para promover a compreensão religiosa, a coexistência pacífica e o respeito pelos direitos religiosos de todos.

O Jornalismo Religioso é uma área complexa que exige uma considerável dose de ética e sensibilidade por parte dos profissionais envolvidos. A cobertura de assuntos religiosos tem um impacto profundo nas pessoas e nas comunidades, muitas vezes tocando em questões profundamente pessoais e emocionais (CUNHA, 2020). Portanto, a aplicação de princípios éticos e sensibilidade é fundamental para garantir que o Jornalismo Religioso seja informativo, respeitoso e justo.

A ética no Jornalismo Religioso começa com a necessidade de equilibrar a liberdade de imprensa com o respeito pelas crenças religiosas das pessoas. Os jornalistas devem evitar sensacionalismo, estereótipos e preconceitos ao relatar sobre religiões e práticas espirituais (DIAS; LACERDA; GOMES, 2019).

Isso significa que devem buscar a compreensão aprofundada das crenças e práticas religiosas que estão cobrindo, em vez de recorrer a generalizações simplistas.

Além disso, a precisão é essencial. Os jornalistas religiosos devem verificar suas fontes e informações minuciosamente para evitar a disseminação de notícias falsas ou imprecisas que possam prejudicar a compreensão pública das questões religiosas. A sensibilidade é igualmente crucial no Jornalismo Religioso. Os repórteres devem ser conscientes do impacto que suas histórias podem ter sobre as pessoas e as comunidades (NOGUEIRA, 2015).

Isso envolve a escolha cuidadosa das palavras e imagens utilizadas, bem como o respeito pela dor ou sofrimento que pode surgir de eventos religiosos ou tragédias. A privacidade das pessoas também deve ser respeitada. Os jornalistas não devem invadir a vida pessoal de líderes religiosos ou membros de comunidades religiosas, a menos que haja uma justificativa clara e de interesse público.

A análise e contextualização desempenham um papel fundamental no jornalismo religioso, pois esta área lida com questões profundamente enraizadas na cultura, na fé e na sociedade. Para fornecer uma cobertura precisa e significativa, os jornalistas religiosos precisam ir além dos eventos e das práticas religiosas superficiais, buscando entender o contexto mais amplo e os impactos sociais, políticos e culturais das crenças religiosas (CUNHA, 2020).

Ao realizar uma análise no Jornalismo Religioso, os jornalistas devem considerar diversos fatores. Primeiramente, eles devem compreender as nuances das tradições religiosas em questão, pois cada religião possui suas próprias crenças, rituais e lideranças (NOGUEIRA, 2015). Isso exige pesquisa detalhada e contato com fontes confiáveis dentro da comunidade religiosa.

A contextualização é igualmente crucial. Os jornalistas religiosos devem situar eventos e acontecimentos religiosos dentro do contexto mais amplo da sociedade (DIAS; LACERDA; GOMES, 2019). Por exemplo, como uma determinada prática religiosa afeta as políticas públicas ou a dinâmica social? Qual é o impacto das tensões inter-religiosas em um determinado país ou região? Essas perguntas ajudam a pintar um quadro mais completo.

Outro aspecto importante é o equilíbrio e a objetividade. Jornalistas religiosos devem evitar o viés religiosos e garantir que sua cobertura seja

imparcial e justa, respeitando as crenças e práticas das diferentes religiões (NOGUEIRA, 2015). Os profissionais também devem estar cientes de como as questões religiosas se entrelaçam com questões de direitos humanos, liberdade religiosa e tolerância.

Além disso, a análise e contextualização no Jornalismo Religioso muitas vezes envolvem a exploração de temas complexos, como fundamentalismo religioso, secularização, diálogo inter-religioso e as implicações éticas de crenças religiosas em um mundo cada vez mais pluralista (CUNHA, 2020).

O Jornalismo Religioso vai muito além de relatar eventos religiosos. Ele busca compreender e explicar o papel da religião na sociedade e como ela influencia e é influenciada por outras esferas da vida (DIAS; LACERDA; GOMES, 2019). A análise e contextualização desempenham um papel vital na promoção da compreensão e na promoção da compreensão e do diálogo construtivo sobre questões religiosas em um mundo diversificado e em constante mudança.

1.2 O papel do Jornalismo Religioso na sociedade contemporânea brasileira

É considerado significativo o papel do Jornalismo Religioso na sociedade contemporânea brasileira, pois vem refletir a diversidade religiosa e cultural do país numa nação caracterizada por uma ampla gama de crenças e práticas espirituais.

Em primeiro lugar, o Jornalismo Religioso atua como um veículo para a disseminação de informações sobre diferentes religiões e suas práticas. Isso é essencial em um país onde o sincretismo religioso é comum e muitos brasileiros buscam compreender melhor as crenças e rituais de outras religiões além das suas (SILVA, 2017). Os meios de comunicação religiosa oferecem um espaço para esclarecimento e diálogo inter-religioso, promovendo a tolerância e o entendimento mútuo.

Além disso, o Jornalismo Religioso desempenha um papel crítico na cobertura de questões éticas e sociais relacionadas à religião. Podendo investigar denúncias de abuso religioso, questões de liberdade religiosa e discriminação com base na fé (SILVA, 2017). Essa função jornalística é

fundamental para a defesa dos direitos humanos e para manter a religião em conformidade com os valores democráticos da sociedade brasileira.

Outro aspecto importante é a capacidade do Jornalismo Religioso de promover o debate público sobre questões morais e éticas. O Jornalismo Religioso pode servir como uma plataforma para líderes religiosos e especialistas discutirem tópicos como o papel da religião na política, a bioética e outros dilemas contemporâneos (ANDRADE, 2020). Isso contribui para um debate mais amplo e informado sobre questões cruciais que afetam a sociedade brasileira.

Além disso, o Jornalismo Religioso desempenha um papel relevante na cobertura de eventos religiosos e festivais que têm grande significado cultural e espiritual. Essa cobertura permite que os brasileiros se conectem com as suas tradições e celebrações religiosas, mesmo que não façam parte da mesma fé. Isso pode promover um senso de unidade e identidade nacional (ANDRADE, 2020).

No entanto, é importante que o Jornalismo Religioso também enfrente desafios na sociedade contemporânea. A polarização religiosa e a politização de questões religiosas podem tornar a cobertura mais desafiadora e complexa (SILVA, 2017). Os jornalistas devem ser sensíveis às nuances das crenças e evitar a promoção de preconceitos ou estereótipos.

De maneira geral, o Jornalismo Religioso desempenha um papel vital na sociedade contemporânea brasileira, atuando como um agente de informação, debate público e promoção da tolerância religiosa (SILVA, 2017). O Jornalismo Religioso ajuda a construir pontes entre as diferentes religiões e a promover uma compreensão mais profunda da diversidade religiosa do Brasil (ANDRADE, 2020).

Compreende-se que as modificações existentes na sociedade contemporânea fazem com que o jornalista venha a assumir novos posicionamento, nem sempre sendo esses preparados e/ou se sentindo seguros para assumir compromissos mediante tais mudanças. A condição mencionada é percebida por meio da afirmação de Pires (2017):

Um exemplo é o que aconteceu no final dos anos 70, quando o Brasil foi cenário para o surgimento do fenômeno da comunicação eclesial,

que vem acompanhado com a criação da União Cristã Brasileira de Comunicação Social (UCBC). (PIRES, 2017, p. 3),

Ainda de acordo com Pires (2017), essa não é uma questão consideravelmente nova, pois a UCBC buscava reunir profissionais e entidades que atuavam frente as questões religiosas eclesiais, de modo a oferecer maior apoio nessa condução. Sendo assim, é fundamental que os jornalistas religiosos exerçam seu papel com responsabilidade e ética, mantendo os valores democráticos e de respeito à diversidade que caracterizam a sociedade brasileira contemporânea.

1.3 O Jornalismo Religioso e seus aspectos incomuns ao sagrado

O Jornalismo Religioso é uma vertente considerada peculiar no mundo do Jornalismo, pois lida com temas que têm uma dimensão espiritual e sagrada, o que diferencia significativamente de outras áreas jornalísticas mais tradicionais (AGUIAR et al., 2022). Nesse sentido, existem diversos aspectos incomuns que merecem ser explorados.

Primeiramente, o Jornalismo Religioso está intrinsecamente ligado à diversidade cultural e espiritual do mundo. Cada religião tem suas próprias crenças, rituais e tradições, o que torna esse tipo de jornalismo um campo vasto e multifacetado (CUNHA, 2020). Os jornalistas religiosos precisam compreender e respeitar essas diferenças, ao mesmo tempo em que buscam uma compreensão mais profunda das motivações e valores por trás das práticas religiosas.

Além disso, o Jornalismo Religioso muitas vezes envolve a cobertura de eventos e histórias que estão relacionados ao sagrado e ao divino. Isso pode incluir a cobertura de peregrinações, festivais religiosos, milagres relatados, debates teológicos e até mesmo questões éticas e morais que estão em sintonia com as crenças religiosas (PAIVA, 2022). A abordagem desses temas requer sensibilidade e respeito pela fé das pessoas envolvidas.

Outro aspecto incomum do Jornalismo Religioso é a complexa relação entre jornalistas e líderes religiosos. Muitas vezes, os líderes religiosos desempenham um papel importante em suas comunidades e podem ser fontes

de informação valiosa (AGUIAR et al., 2022). No entanto, jornalistas devem equilibrar a necessidade de reportar objetivamente com a necessidade de manter uma distância crítica. Isso pode ser desafiador, especialmente quando os interesses jornalísticos entram em conflito com os dogmas religiosos.

Além disso, o Jornalismo Religioso também lida com questões éticas particulares, como a responsabilidade de evitar estereótipos religiosos e a necessidade de garantir a diversidade de vozes e perspectivas. Também é importante lidar com a sensibilidade dos leitores e espectadores, uma vez que as reportagens religiosas podem tocar em questões profundamente pessoais e emocionais. O Jornalismo Religioso é considerado uma área única que lida com temas ligados ao sagrado e ao divino, abrangendo uma ampla gama de crenças e práticas religiosas. Os jornalistas religiosos enfrentam desafios especiais, como a necessidade de compreender e respeitar a diversidade religiosa, manter uma distância crítica em relação às lideranças religiosas e abordar questões éticas específicas. No entanto, quando feito com responsabilidade e sensibilidade, o Jornalismo Religioso desempenha um papel importante na promoção da compreensão inter-religiosa e na informação do público sobre questões de fé e espiritualidade (PAIVA, 2022).

CAPÍTULO II

2. Desafios do Jornalismo Religioso no Brasil

O jornalismo religioso, embora possa ser entendido por vezes como um ramo, um nicho do Jornalismo em seu sentido mais amplo e por vezes como um jornalismo alternativo ou diverso de todos os outros tipos, tem essa dicotomia devido a elementos sociais que, externos ao jornalismo enquanto formação acadêmica, são deles refletidos.

O Jornalismo Religioso no Brasil enfrenta uma série de desafios únicos e complexos que refletem a diversidade religiosa e a sociedade pluralista do país. Buscar-se-á apresentar a seguir alguns dos principais desafios que os jornalistas religiosos brasileiros enfrentam.

Inicialmente destaca-se que o Brasil é um país com rica diversidade religiosa, com inúmeras crenças e denominações. Isso torna o Jornalismo Religioso desafiador, uma vez que os jornalistas devem abordar diferentes tradições de maneira justa e imparcial (CUNHA, 2020). Cobrir questões religiosas requer uma sensibilidade especial para evitar ofensa ou a promoção de estereótipos. O respeito às crenças religiosas é fundamental, e os jornalistas devem se esforçar para entender as nuances de cada fé.

Muitos veículos de comunicação têm programas e colunas dedicadas a assuntos religiosos. Encontrar equilíbrio entre reportagem factual e a expressão de opiniões é um desafio constante, especialmente em questões consideradas polêmicas (SARDINHA; REIS; OLIVEIRA, 2021). O Jornalismo Religioso muitas vezes depende de financiamento de organizações religiosas, o que pode criar desafios de independência e imparcialidade. Manter uma linha editorial objetiva é crucial, mesmo quando os financiadores têm interesses religiosos específicos.

O Brasil também enfrenta desafios relacionados à intolerância religiosa e polarização política, que podem afetar a cobertura jornalística. Os jornalistas religiosos podem ser alvos de ataques de extremistas ou defensores de crenças radicais. O Jornalismo Religioso não está isento dos problemas relacionados à disseminação de notícias falsas e desinformações. É essencial para os jornalistas verificar informações cuidadosamente e fornecer contexto sólido.

Cobrir grandes eventos religiosos, como romarias, celebrações e festivais, requer um planejamento meticuloso e considerações sobre a segurança dos

jornalistas e dos fiéis. As transformações no cenário da mídia, como a digitalização e as redes sociais, afetaram a forma como as notícias religiosas são consumidas e compartilhadas (SARDINHA; REIS; OLIVEIRA, 2021). Os jornalistas devem adaptar-se a essas mudanças e desenvolver estratégias eficazes de comunicação.

Dessa forma, compreende-se que o Jornalismo Religioso no Brasil enfrenta uma série de desafios que incluem a diversidade religiosa, sensibilidade cultural, independência, intolerância, *Fake News*, cobertura de eventos e adaptação às mudanças tecnológicas. Para ser eficaz e ético, os jornalistas religiosos devem abordar esses desafios com responsabilidade e profissionalismo, promovendo o entendimento e o respeito mútuo entre as diferentes tradições religiosas (CUNHA, 2020).

Se a identidade do jornalista possui um caráter problemático, este se dá porque o processo de construção dessa identidade perpassa diversos momentos e fases da vida do jornalista enquanto indivíduo, o que também se comunica com suas crenças pessoais e convicções, que se transformam ao longo da vida, bem como os diferentes papéis que esse indivíduo desempenha nessa trajetória. (PIRES, 2017),

Esse processo histórico na formação de um jornalista é o que Pereira (2011) chama de mundo social, os aspectos no mundo do jornalista onde ele realiza suas interações entre espaços, atores e domínios formando uma rede entre indivíduos que se envolvem na realização de uma atividade de forma cooperativa.

Desta maneira, o profissional de jornalismo religioso se encontra simultaneamente entre dois mundos sociais, o do jornalismo e o da religião. Tais mundos sociais, jornalista e religioso, trocam entre si ideologias e valores, de modo que tanto a religião procura exercer influência sobre o mundo do jornalismo, quanto aquilo que é feito quando do ofício jornalístico e informativo repercute também no ambiente eclesial (SARDINHA; REIS; OLIVEIRA, 2021).

Esse complexo jogo ideológico entre os valores pessoais e os interesses do grupo em uma dimensão universal está no cerne da construção da identidade desse jornalista religioso. Por vezes, mesmo a primazia própria do jornalismo pela ética e pela verdade é reiterada e reforçada pela relação pessoal do

jornalista com a igreja, que valoriza a ética e a coerência como características comportamentais cristãs (MICK, 2019).

De outro modo, o jornalista que faz parte de uma comunidade eclesial não é de forma alguma uma fonte de conteúdo religioso se não tiver em seu ofício o comprometimento e o conhecimento que provém da formação acadêmica (PIRES, 2017). Não se pode dissociar de modo algum o aspecto técnico do ofício de jornalista em torno de valores pessoais, e o mesmo se dá quando se trata de jornalismo cristão de fato.

A interação entre os dois campos da mídia, comercial e religiosa, no entanto, ainda apresenta problemas e divergências. É fato que a mídia religiosa reproduz conteúdo próprios da mídia comercial, além de adaptá-los e utilizá-los como fonte (CUNHA, 2019), mas não é comum que o inverso aconteça, e a mídia busque dar voz de prontidão a fontes responsáveis de mídia religiosa quando da formação de pauta de assuntos que digam respeito a religião ou aos quais interessa obter o ponto de vista religioso.

Silva (2017) ilustra essa problemática apontando que a mídia comercial faz uso de temas referentes à pauta religiosa como um complemento de outra informação, buscando usar esse elemento religioso como chamariz da atenção da audiência. Como exemplo, cita matérias do G1 que utilizam o fator religioso como elemento de construção da reportagem, como no caso da cobertura do complexo e polêmico tema do aborto no caso de recém-nascidos com microcefalia por contaminação pelo Zika vírus (SILVA, 2017).

A autora afirma que a mídia de natureza comercial, de conhecimento do posicionamento veemente da igreja acerca do tema, fez uso de seu poder de argumento para polemizar por meio de perguntas estrategicamente feitas quando da divulgação da Campanha da Fraternidade de 2016 (SILVA, 2017). Tal análise faz perceber que nem sempre dar a oportunidade de resposta é efetivamente dar voz, dado que a fala de um interlocutor pode ser apropriada com outros fins, servindo não à liberdade e expressão, mas a um roteiro midiático almejado.

Se o seguimento religioso é procurado para o fortalecimento de uma polêmica, como um personagem problemático dentro de uma narrativa, a pauta religiosa é distorcida, gerando não a informação devida, mas o desconforto que também se encontra em qualquer outro entrevistado que tenha sua resposta

atravessada por um viés midiático e religioso, e isso se verifica tanto em indivíduos quanto em instituições que não tem ligação com a igreja.

Trata-se de uma mitificação do entrevistado, que embora sirva quando da construção de uma narrativa biográfica, vai contra uma apuração responsável dos fatos, ao fomentar discriminação e intolerância por meio de uma visão limitada e distorcida do outro desconhecido (MARTINEZ, 2008).

No que se refere a fomentação de narrativas através de perguntas capciosas e respostas enviesadas, convém destacar que veículos de imprensa de natureza religiosos precisam também saber lidar com tais problemas, não utilizando-os como trampolim midiático, mas preparando-se para responder a questionamentos dessa natureza, uma vez que simplesmente ignorá-los e evitá-los enquanto matéria de discussão conduz necessariamente a um processo alienante, que agride tanto o aspecto jornalístico, por desinformar, quanto o religioso, por engendrar fanatismo (CUNHA, 2020).

O debate democrático continua sendo fundamental no jornalismo religioso tanto quanto a qualquer outro. Há um percurso árduo em andamento, e novos desafios ainda continuam surgindo, mas a legitimação da atividade de jornalista da religião vem ganhando reconhecimento, ainda que de forma tímida (PIRES, 2017). Conflitos, entretanto, entre os dois seguimentos, ainda que esporádicos, se mostram inevitáveis na produção jornalística (MARTINO, 2017).

O ambiente midiático atual é único do ponto de vista histórico por uma intensa variedade de códigos midiáticos em plena circulação, criando formas diversas de comunicar e de transmitir não apenas informação, como também ideologia e cultura. O caso da religião não é único no que se refere a formas não tradicionais de fazer jornalismo e segmentação midiática em torno de uma parcela específica da população, mas goza de específicos problemas pelo próprio espaço ocupado pela religião dentro da sociedade.

Religião é, do ponto de vista sociológico, um fenômeno social da maior complexidade, que envolve dogmas, estilos de vida e fé, o que coloca qualquer produção de conteúdo desta, seja falada ou escrita, em um nicho problemático que se choca com tantas outras visões de mundo. Importa, acima de tudo, tanto no caso do jornalismo secular quanto do religioso, ater-se aos fatos e à relevância e idoneidade da informação, pois sem isso não haverá jornalismo algum.

2.1. O desafio da imparcialidade e da objetividade na mídia brasileira

O desafio da imparcialidade e da objetividade na mídia brasileira, quando se trata do Jornalismo Religioso, é um tema complexo e de grande relevância. O Brasil é um país marcado por grande diversidade religiosa, abrigando uma ampla gama de crenças, cultos e práticas espirituais. Nesse contexto, a mídia desempenha um papel crucial ao informar, educar e promover o entendimento entre diferentes grupos religiosos.

A imparcialidade no Jornalismo Religioso envolve a capacidade de relatar os eventos e as questões relacionadas à religião de forma justa e equilibrada, sem favorecer ou prejudicar nenhuma fé em particular (SARDINHA; REIS; OLIVEIRA, 2021). O desafio aqui é evitar qualquer forma de viés, que pode ser influenciado por preconceitos pessoais, crenças ou interesses editoriais. É fundamental que os jornalistas religiosos sejam conscientes de suas próprias crenças e estejam dispostos a separar suas opiniões pessoais do trabalho jornalístico.

Além disso, a objetividade é outro pilar essencial do Jornalismo Religioso. Os jornalistas devem buscar a verdade dos fatos, apresentando informações de maneira precisa e completa. Eles precisam evitar sensacionalismo, boatos e informações não verificadas, que podem prejudicar a credibilidade do Jornalismo Religioso e inflamar tensões entre grupos religiosos (RODRIGUES; SERSCHÖN; PEREIRA, 2023). No entanto, o cenário do Jornalismo Religioso no Brasil nem sempre atende a esses ideais. Muitas vezes, as emissoras de mídia e jornalistas são acusadas de sensacionalismo, preconceito e falta de imparcialidade. Isso pode ser resultado de pressões comerciais, políticas ou sociais, bem como de preconceitos arraigados.

Para enfrentar esses desafios, é importante que o jornalista religioso no Brasil promova a diversidade de vozes e perspectivas religiosas, dando espaço a diferentes tradições e pontos de vista. A promoção do diálogo inter-religioso e a educação do público sobre as várias crenças e práticas religiosas são passos cruciais para construir uma mídia mais imparcial e objetiva.

Além disso, os jornalistas religiosos devem receber treinamento específico sobre ética e imparcialidade no contexto religioso e ser incentivados

a buscar aprofundar seu conhecimento sobre as várias religiões presentes no país (SARDINHA; REIS; OLIVEIRA, 2021). A criação de diretrizes editoriais claros e a supervisão rigorosa podem ajudar a garantir que o Jornalismo Religioso no Brasil cumpra seus compromissos de imparcialidade e objetividade.

Em resumo, o desafio da imparcialidade e da objetividade na mídia brasileira, quando se trata do Jornalismo Religioso, é uma questão importante que exige a atenção e o esforço contínuos de jornalistas, editores e todo o setor de mídia. É essencial para promover a compreensão e o respeito entre as diversas comunidades religiosas e para cumprir o papel fundamental da mídia de informar de maneira justa e precisa.

2.2 Ética e sensibilidade na cobertura de assuntos religiosos

A abordagem ética e sensível na cobertura de temas religiosos pelo jornalismo é uma responsabilidade que exige atenção. A esfera religiosa representa uma dimensão essencial na vida de diversos indivíduos, e, por conseguinte, a forma como os meios de comunicação lidam com essas temáticas desempenha uma função fundamental na sociedade. Neste contexto, abordaremos a significância da ética e sensibilidade nesse processo de cobertura. Primeiramente, a ética na cobertura de assuntos religiosos implica em respeitar a liberdade religiosa e a diversidade de crenças. Os jornalistas devem evitar preconceitos religiosos e não favorecer uma religião em detrimento de outras (RODRIGUES; SERSCHÖN; PEREIRA, 2023). Isso significa que a imparcialidade é um princípio-chave, e os jornalistas devem buscar apresentar os fatos de maneira objetiva, sem julgamentos de valor:

Muitas vezes os valores do jornalismo como o caráter da verdade e da ética, são reforçados pela Igreja, a partir do comportamento cristão coerente, honesto e ético. O reconhecimento do profissional pela comunidade (a Igreja), também acaba sendo um elemento da relação do jornalista com o mundo social onde transita. Ou seja, além de possuir valores coerentes entre a prática jornalística e a vida de fé, o jornalista passa pela aprovação dos membros da Igreja, sejam eles os bispos, padres ou fiéis. Muitas vezes, a postura religiosa é tão valorizada quanto a própria atuação profissional (PIRES, 2017, p. 143).

Além disso, a sensibilidade desempenha um papel importante na cobertura de assuntos religiosos. É interessante compreender que as crenças

religiosas são profundamente pessoais e muitas vezes estão ligada a identidades culturais e étnicas. Portanto, os jornalistas devem abordar essas questões com empatia, evitando sensacionalismo, estereótipos ou qualquer forma de discurso de ódio.

A cobertura de assuntos religiosos também deve considerar o contexto cultural e histórico das religiões envolvidas. Deve-se entender os rituais, tradições e práticas religiosas, bem como as questões políticas, sociais e econômicas que podem estar interligadas com a religião. Uma cobertura rica em contexto ajuda a evitar mal-entendidos e simplificações prejudiciais (RODRIGUES; SERSCHÖN; PEREIRA, 2023).

Os jornalistas devem, ainda, se esforçar para dar voz às diversas perspectivas dentro de uma determinada religião e promover o diálogo inter-religioso sempre que possível (SARDINHA; REIS; OLIVEIRA, 2021). Isso ajuda a construir pontes e a promover a compreensão mútua. Por fim, a privacidade e o consentimento devem ser respeitados ao entrevistar pessoas sobre suas crenças religiosas. Nem todos desejam compartilhar suas experiências religiosas publicamente, e os jornalistas devem ser cuidadosos para não invadir a esfera pessoal dos indivíduos.

De modo geral, a ética e a sensibilidade desempenham um papel fundamental na cobertura de assuntos religiosos pelo jornalismo. Respeitar a diversidade de crenças, manter a imparcialidade, abordar as questões com empatia e considerar o contexto cultural são princípios que ajudam a garantir uma cobertura justa e responsável, contribuindo para uma sociedade mais informada e tolerante.

2.3 Pluralismo religioso nas mídias

Um outro desafio à questão do Jornalismo Religioso diz respeito à ideia da pluralidade, nem sempre bem compreendida. O pluralismo religioso, caracterizado pela coexistência e diversidade de crenças e práticas religiosas em uma sociedade, é um fenômeno complexo e cada vez mais presente na atualidade. Esse contexto diversificado se reflete de maneira significativa na exposição midiática, uma vez que as mídias desempenham um papel

fundamental na maneira como as pessoas percebem, entendem e interagem com as diferentes religiões (CUNHA, 2020).

Em outras palavras, além dos desafios que tratam da questão da imparcialidade e sensibilidade ética do jornalismo, deve-se considerar o Jornalismo Religioso como um nicho específico que não deveria estar fechado às diversas expressões religiosas que se caracterizam como dado antropológico. O Jornalismo Religioso não serve à alguma expressão única de religiosidade. Na verdade, há diversidade de religiões, algo bastante característico do Brasil, que nem sempre encontra espaço em mídias sociais. Pois, muitas vezes, há um silenciamento de algumas expressões religiosas. O Jornalismo Religioso bem entendido seria um instrumento eficaz para dar visibilidade a esta diversidade religiosa, o que não necessariamente comporta a conversão a algum tipo de crença, mas, tão somente veiculação (isto é, dar visibilidade) às diferentes formas de vivências religiosas como é próprio deste país tão multicultural (PIRES, 2017).

A grande provocação do Jornalismo Religioso seria, portanto, um convite à abertura ao conhecimento daquilo que outras tradições religiosas creem, celebram, etc. Deste modo, tornar-se-ia mais acessível desmistificar possíveis equívocos com relação ao desconhecido da religiosidade de outras pessoas. A partir deste processo seria possível o desenvolvimento de importantes valores para qualquer sociedade como, por exemplo, a capacidade do diálogo e respeito. Mesmo um cristão não deve temer o diálogo, como afirma o Papa Francisco:

Podemos buscar juntos a verdade no diálogo, na conversa tranquila ou na discussão apaixonada. É um caminho perseverante, feito também de silêncios e sofrimentos, capaz de recolher pacientemente a vasta experiência das pessoas e dos povos. A acumulação esmagadora de informações que nos inundam, não significa maior sabedoria. A sabedoria não se fabrica com buscas impacientes na internet, nem é um somatório de informações cuja veracidade não está garantida. Desta forma, não se amadurece no encontro com a verdade (FRANCISCO, 2015, p. 24).

Dialogar não é sinônimo de relativismo. Não é possível que um veículo de comunicação religioso seja incapaz de transmitir aspectos de uma outra forma de crer que não seja a sua mesma, ou seja, fechado em suas próprias convicções religiosas. Como já dissemos, o respeito e o diálogo não são realidades contrárias à fé. Por exemplo, recentemente no site do *Vatican News*

foi veiculada uma mensagem do Dicastério para o diálogo Inter-religioso. No dia 07 de novembro de 2023, publicou-se um texto de felicitações aos hindus pelo Deepavali, ou festival das luzes (BUSSOLO, 2023).

O texto acima citado e veiculado produzido pelo *Vatican News* demonstra uma abertura do site católico a um conteúdo que diz respeito a outra forma de religiosidade, a saber, o hinduísmo. Com o mesmo, conforme dito acima, não havia qualquer intuito de conversão àquela crença, mas tão somente, um reconhecimento daquele festejo como bela tradição na qual tomam parte milhares de pessoas daquela religião. O ato marca ainda uma efetiva ação em prol do diálogo inter-religioso, derivando deste ato significativo bem comum.

As mídias, sejam elas impressas, televisivas, digitais ou outras formas de comunicação, desempenham um papel essencial na disseminação de informações sobre as diversas tradições religiosas. Elas têm o poder de influenciar a percepção pública, tanto positiva quanto negativamente, sobre as religiões e seus praticantes. É importante considerar como essa exposição é conduzida e quais impactos ela pode ter na sociedade.

Por um lado, as mídias muitas vezes oferecem uma plataforma para a celebração e compreensão das diferentes crenças, promovendo a tolerância, o respeito mútuo e a diversidade religiosa. Elas podem destacar eventos inter-religiosos, contar histórias inspiradoras de cooperação entre diferentes grupos religiosos e ajudar a dissipar estereótipos prejudiciais. Esse tipo de cobertura pode contribuir para a construção de uma sociedade mais inclusiva e harmoniosa (RIBEIRO; FRANCO, 2020).

No entanto, as mídias também podem ser palco de desafios relacionados ao pluralismo religioso. Em alguns casos, a cobertura midiática pode ser tendenciosa, sensacionalista ou promover estereótipos, alimentando preconceitos e conflitos entre grupos religiosos. Notícias enviesadas, falta de contexto adequado ou até mesmo a falta de representação equitativa de diferentes tradições religiosas podem perpetuar visões distorcidas e polarizadas sobre as religiões (PIRES, 2017).

Além disso, as mídias digitais têm desempenhado um papel crescente na disseminação de informações sobre religião, muitas vezes permitindo que diferentes comunidades expressem suas crenças e interajam entre si. No entanto, a falta de regulação e a disseminação de informações falsas podem

contribuir para a propagação de discursos de ódio, intolerância e radicalização religiosa. É importante, portanto, que as mídias exerçam um papel responsável ao abordar o pluralismo religioso (RIBEIRO; FRANCO, 2020). Isso envolve a promoção de uma cobertura equilibrada e precisa, o respeito à diversidade de crenças, a ampliação da representação de diferentes tradições religiosas e o estímulo ao diálogo inter-religioso. Além disso, a educação midiática e religiosa é fundamental para capacitar as pessoas e interpretarem criticamente as informações que recebem, discernindo entre visões tendenciosas e conteúdos informativos e construtivos.

Desta forma, as mídias desempenham um papel significativo na exposição do pluralismo religioso, podendo tanto promover a compreensão e tolerância entre diferentes grupos religiosos quanto perpetuar estereótipos e preconceitos. Uma abordagem responsável e equilibrada por parte das mídias é essencial para cultivar uma sociedade que valoriza a diversidade religiosa e promova a coexistência pacífica entre as diferentes crenças.

2.4 A interseção de religiões e o sincretismo religioso

A interseção de religiões no Brasil é um verdadeiro caldeirão de crenças e práticas espirituais. Desde tempos remotos, o país abraça uma diversidade religiosa notável, que se entrelaça de forma única, moldada pela miscigenação cultural e histórica. A religiosidade brasileira é uma colcha de retalhos, onde se entrelaçam tradições indígenas, cultos africanos, influências europeias e orientais, formando um panorama rico e multifacetado. O Catolicismo Romano foi a religião oficial por séculos, deixando sua marca na cultura, festividades e estrutura social do Brasil. Contudo, ao lado dessa fé predominante, floresceram e se mantiveram diversas outras práticas religiosas (RIBEIRO; FRANCO, 2020).

A chegada dos africanos escravizados trouxe consigo uma riqueza de crenças, rituais e divindades, dando origem às religiões afro-brasileiras como o Candomblé, a Umbanda e outras manifestações espirituais. Essas religiões, enraizadas na conexão com a natureza, nos orixás e nos ancestrais, têm encontrado maneiras de coexistir e, em alguns casos, se entrelaçar com outras formas de fé (PIRES, 2017).

O sincretismo religioso no Brasil é um fenômeno marcante e complexo que resulta da interação de fusão de diversas tradições religiosas ao longo da história do país. Essa mistura de crenças e práticas teve início com a chegada dos colonizadores europeus e a imposição do cristianismo católico sobre as religiões indígenas e africanas trazidas pelos escravizados.

A necessidade de preservar suas tradições levou os africanos a adaptarem suas divindades aos santos católicos, criando uma forma de sincretismo conhecida como sincretismo religioso afro-brasileiro. O processo de sincretismo religioso não se restringiu apenas à religião católica, mas também se estendeu a outras práticas religiosas. O Candomblé, por exemplo, preservou muitos dos rituais, divindades e práticas religiosas de origem africana adaptando-se e interagindo com elementos da cultura brasileira (RIBEIRO; FRANCO, 2020).

É importante ressaltar que o sincretismo religioso no Brasil não se limita apenas à esfera das religiões afro-brasileira, mas também se manifesta em outras tradições, como a incorporação de elementos indígenas em festividades populares e até mesmo em algumas práticas de religiões não ligadas diretamente às tradições africanas (MARTINO, 2017).

O espiritismo também teve uma influência significativa no Brasil, trazendo uma abordagem mais filosófica e mediúnica à espiritualidade. Sua proposta de comunicação com os espíritos e sua ênfase na caridade e no autoconhecimento atraíram muitos seguidores e se mesclaram em certa medida com outras tradições religiosas (RIBEIRO; FRANCO, 2020).

A Umbanda, por sua vez, é um fenômeno mais recente, surgido no início do século XX, que mistura crenças africanas, indígenas e espíritas, além de influências do catolicismo (RIBEIRO; FRANCO, 2020). É uma religião sincrética que valoriza a comunicação com espíritos, a prática da caridade e a busca pelo equilíbrio espiritual.

Além disso, há uma crescente presença de religiões orientais, como o budismo, o hinduísmo e o taoísmo, que encontraram um solo fértil para se estabelecerem no Brasil. A prática do yoga, a meditação e os ensinamentos espirituais dessas tradições conquistaram seguidores e influenciaram a espiritualidade brasileira contemporânea (RODRIGUES; SERSCHÖN; PEREIRA, 2023).

Essa convivência de diferentes religiões no Brasil nunca foi isenta de conflitos e preconceitos, mas também é marcada por um fenômeno de sincretismo, no qual diferentes tradições se misturam e se adaptam umas às outras, gerando novas formas de expressão espiritual e cultural. A interseção de religiões no Brasil é, portanto, um reflexo da diversidade do país, um mosaico de crenças que se entrelaçam e coexistem, formando um rico panorama espiritual que contribui para a identidade e a riqueza cultural dessa nação (PIRES, 2017).

Apesar das diferenças entre as diversas manifestações religiosas, o sincretismo religioso no Brasil muitas vezes promoveu uma convivência pacífica e respeitosa entre diferentes crenças, contribuindo para a riqueza cultural e a diversidade religiosa do país. No entanto, também enfrentou e ainda enfrenta desafios, como o preconceito e a intolerância religiosa, que buscam minar essa harmonia e pluralidade.

CAPÍTULO III:

3. Desenvolvimento e desafios do Jornalismo Religioso católico no Brasil

O desenvolvimento do Jornalismo Religioso Católico no Brasil é uma parte intrínseca da história da Igreja Católica no país. Desde a chegada dos colonizadores portugueses e, posteriormente, dos missionários jesuítas no século XVI, a religião católica desempenhou um papel fundamental na formação da identidade brasileira (SILVA, 2020). O Jornalismo Religioso Católico, por sua vez, tem evoluído ao longo dos séculos, refletindo as mudanças sociais, políticas e tecnológicas que o país experimentou.

Os primeiros registros de Jornalismo Religioso Católico no Brasil remontam aos primórdios da imprensa no país, com publicações de caráter religioso surgindo em meados do século XIX (PAIVA, 2022). O Jornalismo Religioso Católico desempenhou um papel importante na divulgação da fé católica, na promoção de valores religiosos e na difusão de notícias sobre a Igreja e a sua relação com a sociedade brasileira.

No entanto, o desenvolvimento do Jornalismo Religioso Católico no Brasil foi profundamente influenciado pela evolução da sociedade e da própria Igreja Católica. Durante o período colonial, a Igreja desempenhava um papel dominante na vida dos brasileiros, e os jornais religiosos eram frequentemente utilizados como ferramentas de propaganda e de controle social:

A partir da independência, e depois com a constituição da República, o Brasil foi se abrindo oficialmente às demandas por liberdade religiosa. Mais facilmente em relação aos cristãos protestantes, mais tardiamente com os grupos de matriz africana, que até meados do século 20 eram demonizados e sofriam perseguição policial. O respeito à pluralidade, no tocante às políticas públicas e à legislação do Brasil, foi sendo conquistado à medida que o sentido de República e de democratização foram se consolidando durante o século 20 e pelo 21 (CUNHA, 2020, p. 4).

Com o advento da República em 1889, a Igreja Católica perdeu parte de sua influência política e passou por um período de transformação. Nesse contexto, o Jornalismo Religioso Católico também se adaptou, diversificando seus temas e abordagens para atender às necessidades de uma sociedade cada vez mais pluralista (PAIVA, 2022).

Ao longo do século XX, o Jornalismo Religioso Católico no Brasil enfrentou desafios e oportunidades, à medida que a tecnologia da comunicação se desenvolveu. A rádio e a televisão tornaram-se meios importantes para a disseminação da mensagem religiosa, com programas, novelas e transmissões ao vivo de eventos religiosos. Nos últimos anos, a *internet* e as redes sociais têm desempenhado um papel crescente no Jornalismo Religioso Católico, permitindo uma maior interação entre as comunidades religiosas e seus seguidores, bem como a disseminação rápida de informações religiosas (SILVA, 2020).

Em resumo, o desenvolvimento do Jornalismo Religioso Católico no Brasil reflete a evolução da própria sociedade brasileira e da Igreja Católica. Através dos séculos, os meios de comunicação utilizados para promover a fé católica e divulgar as notícias da Igreja passaram por mudanças significativas, mas o compromisso de servir como um veículo para a disseminação da mensagem religiosa e dos valores católicos permaneceu constante.

3.1 A mídia religiosa católica no contexto brasileiro do século XXI

A mídia religiosa desempenha um papel significativo no contexto brasileiro do século XXI, refletindo a diversidade religiosa e a importância da espiritualidade na vida das pessoas. No país, a relação entre religião e mídia tem evoluído ao longo do tempo, adaptando-se às mudanças tecnológicas e sociais. A evolução da mídia religiosa no contexto brasileiro é uma história rica e complexa que reflete a diversidade religiosa do país, bem como as mudanças sociais, políticas e tecnológicas ao longo do tempo (SILVA, 2020). Aqui, tentar-se-á fornecer um panorama geral desse desenvolvimento.

No Brasil, a mídia religiosa tem raízes profundas que remontam ao período colonial, quando o catolicismo romano era a religião oficial, durante séculos, os meios de comunicação, como a igreja e suas publicações, desempenharam um papel fundamental na difusão da fé católica e na promoção de valores religiosos na sociedade. No entanto, com a chegada de missionários de outras denominações cristãs no século XIX, começaram a surgir formas alternativas de mídias religiosas, como folhetos, panfletos e jornais, que promoviam diferentes correntes do cristianismo (TOLEDO; CAZAVECHIA, 2020).

A secularização do estado brasileiro, que ocorreu gradualmente ao longo do século XIX, abriu um espaço para uma maior diversidade religiosa e o surgimento de diferentes tradições religiosas, incluindo o espiritismo, o protestantismo e religiões de matriz africana (SILVA, 2020). Essas novas religiões também desenvolveram sua própria mídia, como revistas, rádio e televisão, para divulgar suas crenças e atrair seguidores.

A igreja católica adota a partir do século XIX crescente presença em meio à mídia periódica, adotando-a como veículo de presença nas vidas das comunidades e seus membros, por vezes em um modelo de transmissão das mensagens provenientes de Roma, como baluarte cristão frente às mudanças culturais que tomavam o mundo no período, na vertente chamada de ultramontanismo (SILVA, 2020).

Figura 1: O Apóstolo



Fonte: BN Digital, 2010.¹

Ainda que dentro de um contexto de disciplina de aspectos religiosos populares à época, e focado em observância a sacramentos e reforma clerical,

¹ Disponível em <https://bndigital.bn.gov.br/exposicoes/lutero-500-anos-da-reforma/index/>

esse período é fundamental para o estabelecimento de uma identidade coesa para a mídia católica no Brasil, por periódicos como O Apóstolo, que circulou por 35 anos a partir de 1866, marcado por discussões que contemplavam as mudanças políticas e sociais por ele testemunhadas, ao passo em que discutia formas de atuação da igreja que pudessem ressignificar a religião em tempos de transição e transformações (CASTRO, 2002).

O advento da televisão no Brasil nas décadas de 1950 e 1960 representou uma revolução na mídia religiosa. Líderes religiosos começaram a usar a TV como uma ferramenta eficaz para alcançar audiências massivas. Personalidades carismáticas, como o Bispo Edir Macedo, tornaram-se figuras de destaque na mídia religiosa, expandindo seus impérios midiáticos e suas denominações religiosas (TOLEDO; CAZAVECHIA, 2020).

Nos anos recentes, a mídia religiosa no Brasil também abraçou as mídias sociais e a *internet*. Líderes religiosos utilizam plataformas digitais para transmitir cultos, compartilhar mensagens religiosas e interagir com seus seguidores. Isso permitiu que as instituições religiosas alcançassem um público global e se envolvessem em debates sobre questões contemporâneas, como política, sexualidade e direitos humanos (OLIVEIRA; LIMA, 2021). Porém, ao mesmo tempo:

[...] verifica-se que a mídia tradicional não tem sido capaz de representar a complexidade do mundo contemporâneo ou, talvez, seja este o momento de reinventar a identidade profissional dos jornalistas e seu lugar de atuação. No contexto atual, no qual a prática jornalística começa a ser exercida em diferentes lugares, fora das redações tradicionais, como no caso do 'jornalismo de sacristia', ou seja, nas igrejas (PIRES, 2017, p. 141).

Em resumo, a evolução da mídia religiosa no contexto brasileiro é uma narrativa multifacetada que reflete a diversidade religiosa do país, bem como seu dinamismo social e tecnológico. A mídia religiosa desempenhou e continua a desempenhar um papel significativo na construção da identidade religiosa, nas práticas de culto e na influência sobre a cultura e a política brasileiras.

3.2 A diversidade de mídias religiosas católicas no Brasil

O Brasil é conhecido por ser uma nação multicultural e multiétnica, e essa diversidade se estende também às esferas religiosas. A mídia religiosa desempenha um papel fundamental na disseminação de valores, crenças e práticas de diferentes religiões. O Brasil possui uma ampla variedade de canais de comunicação religiosa, que incluem programas de TV, rádio, *sites*, revistas e redes sociais dedicados a diferentes tradições religiosas.

A missa televisionada, bem como transmissões de eventos religiosos e aconselhamento espiritual são exemplos de formas de aproximação da igreja com os fiéis consolidadas por meio da presença da mídia católica na TV, um processo que permite à instituição igreja adotar estratégias discursivas que garantem a autonomização do campo evangelístico no meio informativo (FERREIRA, 2019).

A TV Canção Nova tem a ligação com meios de comunicação social presente mesmo em seu estatuto fundador, estabelecendo em suas funções missionárias não apenas encontros televisionados, como também presenciais, alterando a prática televisiva e midiática. A televisão dialoga com os sentidos do espectador de diversas formas, seja pela imaginação, pelas imagens ou pelos sons, construindo assim fortes imaginários coletivos, que interferem no processo de socialização humana de modo direto ou indireto (GASPARETTO, 2009).

Figura 2: Estúdio TV Canção Nova

Fonte: Canção Nova, 2015²

A televisão continua sendo um dos principais meios de comunicação para as instituições religiosas. Programas religiosos ocupam uma parte considerável da programação de muitos canais, oferecendo cultos, pregações e conteúdo inspiracional. Além disso, a televisão por assinatura também disponibiliza canais específicos para diferentes denominações religiosas, atendendo a uma ampla audiência (TOLEDO; CAZAVECHIA, 2020).

A *internet* e as redes sociais têm se tornado uma plataforma crucial para a disseminação de fé e a interação entre líderes religiosos e seus seguidores. Muitas igrejas e organizações religiosas têm *sites*, *blogs* e perfis em redes sociais onde compartilham mensagens, transmitem cultos ao vivo e promovem eventos. As plataformas digitais permitem uma maior globalização das práticas religiosas e uma conexão direta entre líderes espirituais e suas comunidades. (OLIVEIRA; LIMA, 2021).

O rádio também desempenha um papel importante na mídia religiosa, com várias estações dedicadas à transmissão de programas religiosos e música

² Disponível em: <https://tv.cancaonova.com/noticias/tv-cancao-nova-como-tudo-comecou/>.

gospel. Essas estações oferecem conteúdo diversificado, desde pregações até músicas que promovem a espiritualidade (TOLEDO; CAZAVECHIA, 2020).

Além disso, é relevante mencionar a proliferação de veículos de comunicação religiosa independentes, como *blogs*, canais do *YouTube* e *podcasts*. Isso permite que os indivíduos e líderes religiosos compartilhem suas perspectivas, ensinamentos e experiências espirituais de forma mais direta e personalizada, atingindo públicos específicos (OLIVEIRA; LIMA, 2021).

Por outro lado, a mídia religiosa também enfrenta desafios, como a concorrência entre diferentes denominações e a necessidade de manter a relevância em um mundo cada vez mais secularizado. Existem ainda questões éticas relacionadas ao uso de fundos religiosos para fins midiáticos e controvérsias envolvendo líderes religiosos têm gerado debates e críticas (TOLEDO; CAZAVECHIA, 2020).

No geral, a mídia religiosa no Brasil é uma manifestação da rica tapeçaria de crenças religiosas no país. Ela desempenha um papel importante na vida das pessoas, ajudando a disseminar ensinamentos espirituais, promovendo a fé e oferecendo um espaço para a expressão da religiosidade em um mundo cada vez mais conectado.

3.3 Influência das mídias religiosas católicas na sociedade brasileira

A influência das mídias religiosas na sociedade brasileira é um fenômeno de grande relevância e complexidade. O Brasil é um país culturalmente diverso, com uma história de pluralismo religioso, e as mídias desempenham um papel significativo na formação de crenças, valores e comportamentos dos cidadãos. Compreende-se que “as transformações no mundo do trabalho do jornalista merecem um olhar mais atento, para melhor compreensão dos novos perfis profissionais que têm surgido no jornalismo brasileiro” (PIRES, 2017, p. 144).

Assim como já dito anteriormente, as mídias religiosas englobam uma variedade de meios, como programas de televisão, rádio, *sites*, redes sociais, livros e revistas, que promovem e disseminam ensinamentos religiosos e valores específicos. Elas têm desempenhado um papel fundamental na promoção e difusão do cristianismo, em suas várias vertentes, bem como de outras religiões presentes no país.

A Canção Nova também estimula a participação de seus jornalistas nas Redes Sociais, ainda que longe de qualquer rivalidade com redes oficiais ou com meios de comunicação tradicionais. Não é próprio da mídia religiosa competir com a tradicional no intuito de dar notícias primeiro, e foge ao seu linguajar comunicativo qualquer forma de sensacionalismo. Tampouco é incentivado pela Canção Nova ignorar interações indesejadas, bloquear usuários ou reagir a publicações pessoais, salvo em casos tidos como de fato necessários (LUIZ, 2019).

A influência das mídias religiosas na sociedade brasileira se manifesta de diversas maneiras, incluindo o crescimento e a disseminação das religiões. Essa influência também pode ser observada como uma expressão política e uma ferramenta para o engajamento social, além de desempenhar um papel na construção de valores éticos. Muitas igrejas e grupos religiosos aproveitam as mídias, especialmente programas de TV e rádio, para alcançar um público mais amplo, resultando na conversão de novos adeptos e no fortalecimento das bases de fiéis (FARIA, 2021).

As mídias religiosas também têm um papel na formação da ética e dos valores na sociedade. Elas promovem princípios morais, familiares e éticos que influenciam a maneira como as pessoas encaram questões sociais, como aborto, casamento entre pessoas do mesmo gênero e outras. É importante destacar que, em um país tão diversificado como o Brasil, a influência das mídias religiosas é variada e multifacetada. Nem todas as mídias religiosas têm o mesmo alcance ou influência, e a sociedade brasileira é caracterizada por uma ampla gama de visões religiosas e culturais. A influência das mídias religiosas é apenas uma parte do complexo panorama religioso e social do país (CASTRO; PAULA, 2022).

3.4 Reflexões sobre a imprensa católica no Brasil

A imprensa católica teve um impacto considerável na formação da identidade cultural e religiosa do povo brasileiro. Em muitos momentos, funcionou como um veículo de comunicação que não apenas informava, mas também educava, orientava e influenciava os fiéis, além de contribuir para o debate público sobre questões sociais, políticas e morais:

Frente a esse cenário, as igrejas também se tornam espaço para o exercício da atividade de jornalismo. O fato é que jornalistas recém-formados e outros com maior tempo de carreira estão sendo contratados pelas igrejas para o gerenciamento da comunicação eclesial institucional. A concepção geral é que o estudante de jornalismo ao se formar possa atuar em veículos de comunicação tradicionais, porém não em igrejas. A hipótese de atuar como 'jornalista de religião' ainda é descartada ou vista com preconceito pela categoria (PIRES, 2017, p. 3).

É interessante que se desenvolva desde a formação do estudante de Jornalismo o pensamento de que o espaço das instituições católicas também pode ser percebido como um espaço de atuação profissional sem necessariamente ser uma afirmação sobre o catolicismo. Torna-se imprescindível a disseminação de conhecimento sobre a área do Jornalismo Religioso Católico para que os próprios profissionais passem a visualizá-lo sem tantas dificuldades (LUIZ, 2019).

Ao longo dos anos, os veículos de imprensa católica no Brasil evoluíram, passando por diferentes formatos, desde jornais impressos até rádios, televisões e, mais recentemente, portais digitais e redes sociais. Essa adaptação demonstra a capacidade de se manter relevante a alcançar um público diversificado em meio às transformações tecnológicas e culturais (MARIN, 2018).

A imprensa católica também desempenhou um papel na defesa dos direitos humanos, na promoção da justiça social e na denúncia de injustiças, contribuindo para a conscientização e mobilização da sociedade em diversas causas. Entretanto, compreende-se que em alguns casos esse papel chegou a não existir ou a ser modificado em nome da religião e sua proliferação, conforme apresentado por Cunha (2018, p. 20):

É fato que a dimensão da participação e da transformação dos receptores em emissores, por meio de processos de interação possibilitados pelas mídias digitais, especialmente, pela internet, mudou o quadro da relação igrejas-mídias, de forma expressiva. Quando se dedica à reflexão sobre as mídias sociais, uma infinidade de articulações e espaços é nítida. Igrejas e grupos cristãos passam de usuários das mídias, com o objetivo de apresentar o Evangelho e lhe dar visibilidade, a participantes de um espaço para além das fronteiras do sagrado e do profano – a *pólis* midiática, espaço de aparição midiaticizado (CUNHA, 2018, p. 20).

Contudo, como qualquer forma de mídia, a imprensa católica não esteve, ao longo de sua história, isenta de críticas. Ainda na década de 1920, o prefeito da Sagrada Congregação Consistorial criticou duramente a imprensa católica no Brasil, dizendo haver em tais veículos a publicação de artigos anticatólicos e utilizar termos que descaracterizavam a religião católica, por colocar como título Religião e como subtítulo catolicismo, evangelização, teosofismo, espiritismo, confundindo os leitores ao não distinguir o verdadeiro do falso. A pluralização religiosa da época fazia ser necessário, na visão de diversas lideranças religiosas, um combate mais efusivo a doutrinas contrárias (MARIN, 2018).

A percepção da presença da igreja na mídia confunde-se com a própria forma como se vê a igreja dentro da sociedade. Se antes o ideal combativo e reativo era a tônica nas igrejas, o acolhimento e respeito numa expressão inclusiva de amor ao próximo tornou-se cada vez mais presente no pensamento católico ao longo do século XX, o que também se reflete na forma como o público secular lida com a presença de elementos eclesiais em meios de comunicação já tradicionais.

Hoje, alguns questionamentos podem ser levantados quando à imparcialidade em certas coberturas ou à influência excessiva em questões políticas. Além disso, com a pluralidade de vozes na sociedade contemporânea, há um desafio para a imprensa católica em manter sua relevância e atratividade para um público diversificado e cada vez mais exigente (MARIN, 2018).

Em termos gerais, a imprensa católica no Brasil tem sido um importante instrumento de comunicação, educação e formação de opinião ao longo dos anos, desempenhando um papel vital na vida religiosa e na construção da identidade cultural do país.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, o Jornalismo Religioso era predominantemente ligado a publicações específicas de cunho religioso, servindo como veículo de divulgação de crenças, doutrinas e eventos dentro das comunidades religiosas. Com o passar do tempo, no entanto, essa abordagem evoluiu para uma cobertura mais abrangente, incorporando análises críticas, reportagens investigativas e uma visão mais ampla sobre o papel da religião na sociedade.

O Jornalismo Religioso Católico no Brasil enfrenta desafios e passa por um processo de transformação diante das novas dinâmicas de comunicação e da sociedade. Ao longo dos anos, esse segmento jornalístico tem desempenhado um papel fundamental na divulgação de informações relacionadas à Igreja Católica, sua doutrina, eventos e questões pertinentes à fé.

O avanço da tecnologia, notadamente a expansão da internet e o surgimento das redes sociais, promoveu uma revolução significativa na produção e consumo do Jornalismo Religioso Católico. A internet proporciona uma diversidade de plataformas e formatos, possibilitando uma cobertura mais dinâmica e interativa. Agora, há uma conectividade global que transcende barreiras geográficas, aproximando pessoas de diferentes crenças ao redor do mundo. As redes sociais, por sua vez, facilitam a disseminação rápida de informações, promovendo a interação entre comunidades religiosas de forma instantânea. O desafio para o Jornalismo Católico está em se adaptar a esse novo cenário, mantendo sua relevância e credibilidade, ao mesmo tempo em que enfrenta a concorrência de plataformas digitais independentes e conteúdos produzidos por indivíduos.

Outro desafio é manter a imparcialidade e objetividade na cobertura jornalística, mesmo quando se trata de assuntos relacionados à própria Igreja. A transparência e a ética na divulgação das informações são essenciais para manter a confiança dos leitores e espectadores. Esse novo cenário tecnológico apresenta desafios e oportunidades para o Jornalismo Católico. A necessidade de adaptação a esse ambiente digital é crucial para manter a relevância e a credibilidade. A presença em diversas plataformas e a utilização de diferentes formatos tornam-se essenciais para alcançar audiências diversificadas. Além disso, é fundamental enfrentar a concorrência proveniente de plataformas

digitais independentes e do crescente conteúdo produzido por indivíduos. A capacidade de se destacar em meio a essa concorrência requer inovação na abordagem editorial, estratégias eficazes de engajamento e, acima de tudo, a preservação dos princípios éticos que fundamentam o Jornalismo Católico. Assim, a adaptação a esse novo cenário digital não apenas assegura a sobrevivência, mas também permite que o Jornalismo Religioso Católico exerça influência de maneira relevante, conectando-se de forma significativa com o público em um mundo cada vez mais interconectado.

No entanto, o Jornalismo Religioso Católico enfrenta vários outros desafios significativos, incluindo a necessidade de equilibrar a objetividade jornalística com o respeito às crenças individuais, a necessidade de evitar o sensacionalismo e a compreensão das complexidades inerentes a questões religiosas, que muitas vezes envolvem valores, tradições e sensibilidades profundamente arraigados.

Além disso, a diversidade religiosa presente em muitas sociedades exige uma abordagem inclusiva e sensível, garantindo que a cobertura jornalística reflita a amplitude de experiências e pontos de vista existentes.

O Jornalismo Religioso Católico, quando bem executado, pode desempenhar um papel crucial na promoção do diálogo inter-religioso, na compreensão mútua entre diferentes comunidades e na análise crítica das dinâmicas sociais e políticas relacionadas à religião. Sua evolução contínua é fundamental para acompanhar as mudanças na sociedade e para oferecer uma cobertura informativa e reflexiva sobre o papel da religião no mundo contemporâneo.

A pluralidade de visões e opiniões do próprio catolicismo também é um aspecto relevante. O Jornalismo Religioso Católico no Brasil precisa lidar com a diversidade de pensamento e correntes teológicas dentro da Igreja, buscando equilibrar a abordagem e representar essa pluralidade de maneira justa e respeitosa.

Além disso, a busca por alcançar públicos mais jovens e conectados digitalmente é uma demanda importante. Estratégias inovadoras de comunicação, como o uso de plataformas *online*, *podcasts*, vídeos e redes sociais, são essenciais para engajar e atrair essa audiência mais jovem e diversificada. Pode-se afirmar que o Jornalismo Religioso Católico no Brasil

enfrenta desafios significativos, mas também tem oportunidades para reinventar, aproveitando as novas tecnologias e estratégias de comunicação para continuar cumprindo seu papel informativo, educativo e inspirador na sociedade contemporânea.

Em conclusão, a pesquisa sobre o desenvolvimento do Jornalismo Religioso Católico no Brasil, aliada à análise das bases de dados e dos critérios de inclusão e exclusão, representa uma contribuição significativa para a academia e a pesquisa em comunicação. Ao preencher lacunas no conhecimento sobre a interseção entre jornalismo, religião e ética, o estudo oferece uma perspectiva única sobre o papel desempenhado pela mídia religiosa católica na sociedade brasileira contemporânea. A metodologia robusta e a escolha criteriosa dos descritores servem como referência valiosa para pesquisadores interessados em explorar outros contextos religiosos na mídia.

Os resultados obtidos na pesquisa sobre o Jornalismo Religioso Católico no Brasil têm implicações práticas e positivas para a sociedade. Ao compreender os desafios éticos específicos enfrentados pelos profissionais dessa área e os impactos da polarização religiosa e política, a pesquisa busca promover uma mídia mais responsável e sensível às diversidades religiosas presentes no país. Essa compreensão aprofundada não apenas fortalece o debate público, mas também contribui para o respeito à diversidade religiosa na sociedade, promovendo uma convivência mais harmoniosa e inclusiva. A análise das mídias religiosas e seu papel na sociedade brasileira, como evidenciado na segunda pesquisa, ressalta a importância desses canais de comunicação na formação de opinião, moral e práticas religiosas. A pesquisa oferece insights valiosos sobre como essas influências afetam a vida cotidiana das pessoas, destacando a relevância de uma cobertura jornalística ética e sensível em contextos religiosos.

Com relação às possíveis contribuições da pesquisa, ao evidenciar os desafios éticos específicos enfrentados pelos profissionais do Jornalismo Religioso, a pesquisa contribui para o avanço das discussões sobre ética jornalística, especialmente em contextos sensíveis, como assuntos religiosos. Essa compreensão mais aprofundada pode fornecer orientações valiosas para jornalistas, editores e profissionais da comunicação ao lidar com temas religiosos. A escolha criteriosa dos descritores na pesquisa sobre a influência das mídias religiosas na sociedade brasileira oferece uma abordagem

metodológica que pode ser adotada e adaptada em estudos similares. Essa metodologia pode servir como um guia prático para pesquisadores interessados em investigar o impacto da mídia religiosa em outras realidades socioculturais, proporcionando um método robusto para compreender a interação entre religião, mídia e sociedade.

REFERÊNCIAS

- ABREU, P. A. L. **Agência de notícias do Sul Global: jornalismo, Estado e circulação da informação nas periferias do sistema-mundo**. Tese (Doutorado em Comunicação). Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Faculdade de Comunicação Social, 2018.
- AGUIAR, C. E. S.; ASSIS, F. de; MARTINO, L. M. S.; PRAZERES, M. Modos de comunicar dimensões da(s) religião(ões) na contemporaneidade. **Líbero**, 25 (51), 2022. Disponível em: <https://seer.casperlibero.edu.br/index.php/libero/article/view/1832/1409>. Acesso em: 13 out. 2023.
- ANDRADE, R. S. A crítica neoateísta à influência da religião na política nas sociedades contemporâneas. **Revista Relegens Thréskeia**, v. 9, n. 2, p. 5, 2020. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/relegens/article/view/75544/42018>. Acesso em: 25 out. 2023.
- BUSSOLO, A. D. Felicitações aos hindus pelo Deepavali: justiça e verdade são os pilares da paz. **Vatican News**. 2023. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/vaticano/news/2023-11/dicasterio-dialogo-inter-religioso-mensagem-hindus-deepavali.html>. Acesso em 20 de novembro de 2023.
- CASTRO, T. O. S.; PAULA, R. C. M. S. O uso das mídias sociais digitais e o impacto no consumo de produtos e serviços religiosos (católicos) na cidade de Macaé/RJ. **Desafio Online**, 10 (2), 2022. Disponível em: <https://desafioonline.ufms.br/index.php/deson/article/view/13144>. Acesso em: 05 nov. 2023.
- CUNHA, M. do N. Intolerância e violência religiosas nas notícias: a propósito do Relatório Brasil (2011 – 2015). **Revista Reflexões**, 45, 2020. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/reflexao/article/view/4843>. Acesso em: 14 nov. 2023.
- CUNHA, M. do N. Os processos de midiaticização das religiões no Brasil e o ativismo político digital evangélico. **Revista FAMECOS**, v. 26, n. 1, 2019. Disponível em: <https://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/article/view/30691/18534>. Acesso em: 09 out. 2023.
- DIAS, R.; LACERDA, E. M.; GOMES, V. M. L. R. Jornalismo nos limites da liberdade: cobertura da imprensa sobre os casos dos religiosos acusados de praticar atividades subversivas durante o regime militar. **Revista Observatório**, v. 5, n. 4, p. 359–411, 2019. Disponível em: <http://educapes.capes.gov.br/handle/capes/632277>. Acesso em 20 nov. 2023.
- DI STEFANO, R. Modernidad Religiosa y Secularización em La Argentina Del siglo XIX. In: E. M. de A. MARANHÃO FILHO (org.). **Política, religião e**

diversidades: educação e espaço público. Florianópolis: ABHR /Fogo, 2018, p. 133 -147. Disponível em: http://abhr2018.paginas.ufsc.br/files/2018/10/Miolo_ABHR_Vol3-rev-1.pdf. Acesso em: 29 nov. 23.

FARIA, R. M. Religião à brasileira: pluralismo, mídia e política. **Último Andar**, v. 24, n. 38, 2021. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/ultimoandar/article/view/55349>. Acesso em: 25 set. 2023.

FERREIRA, Alípio do Amaral. **Comunicação para a qualidade.** Rio de Janeiro: Qualitymark, 2004.

FERREIRA, Virgínia Diniz. Processo de midiatisação do catolicismo midiático e o televangelismo - análise do programa PHN a TV Canção Nova. **Anais de Artigos do Seminário Internacional de Pesquisas em Midiatisação e Processos Sociais**, v. 1, n. 3, ago. 2019. ISSN 2675-4290. Disponível em: <https://mediaticom.org/anais/index.php/seminario-midiatisacao-artigos/article/view/285>. Acesso em: 29 nov. 2023.

FRANCISCO. Papa. **Carta Encíclica Laudato Si:** Sobre o cuidado da casa comum. 24 maio 2015. São Paulo: Paulinas, 2015.

GASPARETTO, Paulo Roque. *Midiatisação da Religião: processos midiáticos e a construção de novas comunidades de pertencimento. Estudo sobre recepção da TV Canção Nova.* Tese de doutorado. São Leopoldo: Universidade do Vale do Rio Sinos – UNISINOS. Programa de Pós-graduação em Comunicação, 2009.

LAGE, N. **Estrutura da notícia.** São Paulo: Ática, 1987.

LUIZ, Osvaldo. Posicionamentos Públicos Políticos, Ideológicos. In: **Manual do Jornalismo**, Canção Nova, São Paulo, 2019.

MARIN, J. R. Reflexões sobre a imprensa católica no Brasil. **Religião e Sociedade**, v. 38, n. 3, 2018. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rs/a/5XrCTGSfCVtrkBgz7tcpZch/>. Acesso em: 08 out; 2023.

MARTINEZ, M. **Jornada do herói:** a estrutura narrativa mítica na construção de histórias de vida em jornalismo. São Paulo: Annablume, 2008.

MARTINO, L. M. S. *Midiatisação da religião e secularização: pensando as práticas religiosas no ambiente das mídias.* **PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM**, v. 1 n. 1, 2017. Disponível em: <https://fapcom.edu.br/revista/index.php/revista-paulus/article/view/12>. Acesso em 19 out. 2023.

MARTINS, A. S.; ALBUQUERQUE, D.; DE ARAÚJO, I. C. *Jornalismo versus sensacionalismo: a espetacularização da notícia.* In: **Anais do Encontro**

Virtual de Documentação em Software Livre e Congresso Internacional de Linguagem e Tecnologia Online, v. 9, n. 1, 2020.

MELO, J. M. de. **Comunicação eclesial: utopia e realidade**. São Paulo: Paulinas, 2005.

MICK, J. A fé dos jornalistas e as práticas religiosas no Brasil. **Rever, PUCSP, Religião, Territórios, Redes e Fluxos**, v. 19, n. 3, 2019. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/rever/article/view/46951>. Acesso em: 01 out. 2023.

NOGUEIRA, C. **Dez toques sobre jornalismo**. 1ª ed. Rio de Janeiro. Ed. SENAC. Rio de Janeiro, 2015.

OLIVEIRA, J. R.; LIMA, P. A. D. Fé e virtualidade no século XXI: novas territorialidades e práticas de devoção ao sagrado na era digital. **Boletim Alfenense de Geografia**, v. 1, n. 1, 2021. Disponível em: <https://publicacoes.unifal-mg.edu.br/revistas/index.php/boletimalfenensedegeografia/article/view/1658>. Acesso em: 19 set. 2023.

PAIVA, H. F. **Olhares sobre a religião na contemporaneidade: reticular, líquida e midiaticizada**. Monografia (Bacharelado em Comunicação Social – Habilitação em Relações Públicas) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2022.

PATRÍCIO, E. Jornalismo e pandemia. **Pauta Geral-Estudos em Jornalismo**, v. 7, n. 1, 2020. Disponível em: <https://revistas.uepg.br/index.php/pauta/article/view/17060>. Acesso em 29 set. 2023.

PEREIRA, F. **Jornalistas-intelectuais no Brasil**. São Paulo: Summus, 2011.

PIRES, P. V. G. A identidade do jornalista de religião: estudo sobre a atividade de comunicação eclesial. **Anais do Interprograma se comunica**, v. 2, 2017. Disponível em: <https://portalrevistas.ucb.br/index.php/AIS/article/view/9190>. Acesso em: 13 out. 2023.

RIBEIRO, C. O.; FRANCO, C. de. A pluralidade religiosa global e nacional em questão. **Caminhos**, v. 18, n. 2, 2020. Disponível em: <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/8167>. Acesso em: 30 ago. 2023.

RODRIGUES, L. A.; SERSCHÖN, M. V.; PEREIRA, P. F. C. Mídia alternativa digital aos fatos e a checagem de fatos: um funcionamento em análise. **Primeira Escrita**, v. 10, n. 1, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufms.br/index.php/revpres/article/view/18117>. Acesso em: 08 nov. 2023.

SARDINHA, A. C.; REIS, M. V. de F.; OLIVEIRA, D. S. de. Interface entre Midiatização e Mercado Religioso a partir do estudo da emissora católica Rádio São José. **PLURA, Revista de Estudos de Religião / PLURA, Journal for the Study of Religion**, v. 12, n. 1, 2021. Disponível em: <https://revistaplura.emnuvens.com.br/plura/article/view/1820>. Acesso em: 19 out. 2023.

SILVA, A. P. A. da. **A influência do jornalismo religioso**: como o G1 abordou a Campanha da Fraternidade Ecumênica 2016. Monografia (Especialização em Gestão da comunicação nas organizações) – Instituto CEUB de Pesquisa e Desenvolvimento, Centro Universitário de Brasília, Brasília, 2017.

SILVA, A. R. C. DA. Imprensa católica e identidade ultramontana no Brasil do século XIX: uma análise a partir do jornal O Apóstolo. **HORIZONTE - Revista de Estudos de Teologia e Ciências da Religião**, v. 18, n. 56, p. 542, 31 ago. 2020. Disponível em: <https://periodicos.pucminas.br/index.php/horizonte/article/view/22842>. Acesso em: 12 set. 2023.

TEMER, A. C. R. P.; TUZZO, S. A. Jornalismo, cidadania e questões sociais em uma perspectiva midiática. **Cambiassu: estudos em comunicação**, v. 15, n. 25, 2020. Disponível em: <https://periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/cambiassu/article/view/13791>. Acesso em: 29 set. 2023.

TOLEDO, C. de A. A. de; CAZAVECHIA, W. R. As Formas de Adaptabilidade do Neopentecostalismo Brasileiro à Mídia. **Revista Brasileira de História das Religiões**, v. 13, n. 39, 2020. Disponível em: <https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/RbhrAnpuh/article/view/54668>. Acesso em: 16 nov. 2023.

TRAQUINA, N. **Teorias do jornalismo**: porque as notícias são como são. 2ª ed. Florianópolis: Insular, 2005.